



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DESIGN-MODA

AMANDA MADEIRA BARROS AGUIAR

**A INDUMENTÁRIA COMO PRODUTO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: COMO
A ESTÉTICA DO VESTIDO IMPÉRIO REFLETE OS VALORES SOCIAIS DO
SÉCULO XIX**

Fortaleza - CE

2018

AMANDA MADEIRA BARROS AGUIAR

**A INDUMENTÁRIA COMO PRODUTO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: COMO
A ESTÉTICA DO VESTIDO IMPÉRIO REFLETE OS VALORES SOCIAIS DO
SÉCULO XIX**

Trabalho de conclusão de curso trata sobre a Indumentária como produto de representações sociais: a estética do vestido império reflete os valores sociais do século XIX. Trabalho realizado como requisito para obtenção de título de graduada em Design-Moda, no Instituto de Cultura e Arte. Orientadora: Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva.

Fortaleza

2018

**A INDUMENTÁRIA COMO PRODUTO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: COMO
A ESTÉTICA DO VESTIDO IMPÉRIO REFLETE OS VALORES SOCIAIS DO
SÉCULO XIX**

Trabalho de conclusão de curso trata sobre a Indumentária como produto de representações sociais: a estética do vestido império reflete os valores sociais do século XIX. Trabalho realizado como requisito para obtenção de título de graduada em Design-Moda, no Instituto de Cultura e Arte.
Orientadora: Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva.

Aprovada em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva (UFC)
Orientadora

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (UFC)

Profa. Esp. Marina Carleial Fernandes (UFC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A227i Aguiar, Amanda Madeira Barros.
A indumentária como produto de representações sociais: como a estética do vestido império reflete os valores sociais do século XIX / Amanda Madeira Barros Aguiar. – 2018.
24 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2018.
Orientação: Profa. Dra. . Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva..

1. Indumentária. 2. Representação Social. 3. Vestido Império. 4. Século XIX. I. Título.

CDD 391

A INDUMENTÁRIA COMO PRODUTO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: COMO A ESTÉTICA DO VESTIDO IMPÉRIO REFLETE OS VALORES SOCIAIS DO SÉCULO XIX

The clothing as a product of social representations: how the aesthetic of the empire silhouette reflects the social values of the nineteenth century

Amanda Madeira Barros Aguiar,
amandaaguiardesigner@gmail.com¹

Dra. Emanuelle Kelly R. Silva,
emanukelly@gmail.com²

RESUMO

Este artigo aborda a indumentária como produto de representações sociais, com o objetivo de perceber como o contexto social do século XIX influenciou na construção estética do vestido império. Para isso, foi feita pesquisa bibliográfica que forneceu os conhecimentos teóricos sobre os conceitos abordados e pesquisa documental para analisar a estética do vestido império. de acordo com esse estudo, pode-se perceber quais acontecimento sociais do século XIX influenciaram na estética do vestido império.

Palavras chave: Indumentária; Representações Sociais; Século XIX; Vestido Império.

ABSTRACT

This article presents clothing as an product of Social Representations, with the aim of understanding how the social context of the nineteenth century influenced the aesthetic construction of empire silhouette. For this purpose, bibliographic research was elaborated that provided the theoretical knowledge about the concepts addressed and documentary research to analyze the aesthetics of empire dress. According to this study, one can see which social events of the nineteenth century influenced the aesthetics of empire silhouette.

Keywords: Clothing; Social Representations; XIX century; Empire Silhouette.

¹ Discente do curso Design-Moda na Universidade Federal do Ceará (UFC).

² Docente do curso Design-Moda na Universidade Federal do Ceará (UFC).

INTRODUÇÃO

Entende-se a moda como o fenômeno social baseado na constante mudança dos costumes. A mesma refere-se também ao conjunto de hábitos constantes e permanentes que assemelham e identificam os indivíduos pertencentes a um grupo social. Portanto, pode-se falar de moda quando o hábito é a mudança constante dos costumes (CALANCA, 2008). No entendimento da autora esse costume da moda, remete ao conceito de estrutura. Essa estrutura envolve um conjunto de elementos interligados, que só assumem valor quando são relacionados entre si. Sendo assim, a constante mudança dos costumes da moda está ligada às mudanças dos outros elementos da estrutura social, sendo influenciada ao mesmo tempo em que os influencia.

Por estarem ligadas aos outros elementos pertencentes à estrutura social, a moda e a indumentária são influenciadas pelo conjunto dos elementos, o contexto social. Por isso, a moda se modifica quando o contexto muda. O caráter dinâmico da moda é reflexo do caráter dinâmico da sociedade. Calanca (2008) afirma que o mecanismo do fenômeno da moda se manifestou de forma mais evidente na indumentária, portanto, essa é um objeto de estudo que possibilita a compreensão das influências do contexto social de forma mais clara.

Se a indumentária é um elemento fruto do contexto social em que ela foi produzida, ela é também um elemento de representação social. Para Jodelet (1986) as representações sociais são formas de conhecimentos práticos que tem como objetivo a comunicação e a compreensão do contexto social, material e ideológico. Elas surgem da vida cotidiana e social, e permitem que o sujeito interprete a sociedade e saiba como agir e se expressar nesse contexto. Sendo assim, a indumentária também é um meio de comunicação interpessoal.

Nessa linha de discussão, o fenômeno da representação social impacta a sociedade porque os significados gerados por ele influenciam diretamente as práticas sociais, comportamento, produções estéticas, ideologias, resultando no senso comum e na reconstrução de uma realidade social.

No contexto das representações sociais, a indumentária é uma das formas práticas desse fenômeno. A sociedade transforma o seu conhecimento e simbologias a respeito daquela realidade em um produto, a fim de difundir esses conhecimentos e de transformar a realidade de um tempo e de uma sociedade. Segundo Crane (2013), como consequência desse processo as mudanças no vestuário indicam como as diferentes sociedades são vivenciadas.

Apesar de a indumentária ser um objeto de estudo que possibilita a percepção do contexto social, é percebido que os estudos sobre o assunto são, na maioria dos casos,

descritivos. Esses estudos não possuem uma análise que favoreça compreender com profundidade a indumentária inserida no seu contexto e relacionada aos outros âmbitos da estrutura social. Os estudos sobre indumentária possuem levantamento de dados, mas, muitos, ainda carecem de uma análise que estabeleça uma relação entre o vestuário e o contexto histórico.

Portanto, ao considerar a indumentária como elemento social onde o fenômeno da moda tem maior influência, a mesma, é um objeto de estudo por ser facilmente percebido os traços desse fenômeno, e dos outros elementos sociais que fazem parte da dinâmica social. Assim, a indumentária como objeto de estudo permite o entendimento do fenômeno da moda interligado aos outros fenômenos inseridos no contexto social.

Analisar os elementos que compõem uma indumentária sob a perspectiva do momento histórico em que a indumentária pertence, nos permite compreender a sua atuação dentro da estrutura social e o processo comunicador de representação social que essa indumentária permite. A indumentária é uma forma de expressar o contexto em que aquela sociedade está inserida.

Partindo da motivação de perceber como o contexto social influencia na construção estética da indumentária, o vestido império foi escolhido como objeto de estudo com o objetivo de compreender quais aspectos da sociedade europeia do século XIX influenciaram na estética do vestido império, percebendo como se deu o processo de materialização das representações sociais.

O século XIX foi marcado pela Revolução Francesa e Revolução Industrial, que acarretaram mudanças sociais e econômicas em um ritmo mais acelerado. Esse aumento na velocidade das mudanças sociais influenciou diretamente e velocidade das mudanças das indumentárias, sendo possível perceber o surgimento do fenômeno da moda. Por isso, tal recorte temporal foi escolhido para ser analisado.

Através desse estudo, busca-se compreender os seguintes questionamentos: Qual o papel da indumentária dentro da estrutura social? Como e porque a indumentária comunica o contexto social em que ela está inserida? Quais as influências do contexto histórico europeu do século XIX na estética do vestido império?

Assim, justifica-se a importância deste estudo por possibilitar uma compreensão mais aprofundada da estética do vestido império. Percebendo essa indumentária como produto de um contexto, que influencia e é influenciada por ele, e não apenas como um elemento que existe na sociedade e que comumente recebe apenas um estudo descritivo.

O presente trabalho busca compreender as relações entre a indumentária de uma época e o contexto social e as influências que esse contexto exerce sobre a indumentária, a partir da análise do vestido estilo império, modelo em voga no início do século XIX. Esse estudo tem como objetivo geral compreender como o contexto social da Europa do século XIX influenciou na estética do vestido império a partir da análise da representação social dessa indumentária. Tem como objetivos específicos: Esclarecer a relação da moda e da indumentária com as outras esferas da sociedade; interpretar a indumentária como elemento que comunica sobre o contexto social; analisar a representação social do vestido império do século XIX e identificar a influência do contexto social, político e econômico europeu do século XIX na estética do vestido império da época.

A análise será feita a partir das imagens das pinturas “Mesdemoiselles Mollie” e “Madame Récamier”, do Museu do Louvre, “Madame Philippe Panon Desbassayns de Richemont and Herson”, do Museu Metropolitano de Arte, “Prelúdio a Concert”, do Museu Nacional de Mulheres na Arte, e “Portrait of a Woman”, da Galeria Nacional de Londres, todas produzidas no início do século XIX, e retratam mulheres usando o vestido império. Essa análise permite perceber os elementos de estilo utilizados nos vestidos da época, portanto, permite a coleta de informações sobre essa indumentária e o que ela comunica sobre a sociedade europeia do século XIX.

Para solucionar os apontamentos feitos é necessário realizar uma pesquisa de natureza básica, aspirando gerar novos conhecimentos sobre a representação social da indumentária e sobre o vestido império e utilizar uma abordagem qualitativa, por buscar se aprofundar na compreensão da dinâmica de um grupo social, a sociedade europeia do século XIX, e por buscar explicar o porquê dos fatos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Para o desenvolvimento da pesquisa e para esclarecer as questões levantadas anteriormente se torna necessário adotar, como procedimentos para a pesquisa, a realização de uma pesquisa bibliográfica para melhor compreender as relações entre a moda, a indumentária e o contexto social. Foi feita também uma pesquisa documental utilizando as pinturas “Mesdemoiselles Mollie” (1811) e “Madame Récamier” (1800), do Museu do Louvre, “Madame Philippe Panon Desbassayns de Richemont and Herson” (1802), do Museu Metropolitano de Arte, “Prelúdio a Concert” (1810), do Museu Nacional de Mulheres na Arte, e “Portrait of a Woman” (19--), da Galeria Nacional de Londres, para perceber a estética do vestido império e fazer a sua análise.

O presente trabalho aborda no segundo tópico a moda como fenômeno social e da indumentária como elemento dessa estrutura social. No terceiro tópico é apresentada a teoria

das Representações Sociais e como a indumentária é produto de representações sociais. No quarto tópico é feita a descrição do contexto social europeu do século XIX. E no quinto tópico é feita a descrição do vestido império e a análise da sua representação social. No sexto tópico é apresentada a conclusão do trabalho.

2 O FENÔMENO SOCIAL DA MODA

2.1 A Moda como Fenômeno Social da Mudança

Mauss (2003) se refere ao fenômeno social total, ou fato social total, como fatos que atingem as sociedades na sua totalidade. São fenômenos pluridimensionais, que possuem várias perspectivas de análise que contribuem para a melhor compreensão do fenômeno. Além da totalidade, os fenômenos sociais também são caracterizados pela frequência de determinados eventos em um período de tempo. Na moda, esse evento é a mudança. Quando a mudança se torna uma constante, em diversos âmbitos da sociedade, pode-se dizer que existe o fenômeno social da moda nela. Calanca (2008) afirma que a mudança constante dos costumes de uma sociedade ocorre devido a constante busca pelo novo.

A moda é entendida como um fenômeno social por influenciar a sociedade em sua totalidade, e não apenas no âmbito do vestuário de forma isolada. A constante mudança, típica do fenômeno da moda, é encontrada em diversos aspectos sociais, podendo ser percebida em menor ou maior grau. A existência de um fenômeno social pressupõe a existência de uma estrutura social, composta por elementos interligados entre si. Calanca (2008) afirma que esses elementos que compõem a estrutura social precisam estar relacionados entre si para assumirem um significado social.

Devido a essa complexa estrutura de elementos que se interligam, é possível compreender a organização social de um determinado grupo a partir do estudo da relação entre eles.

O fenômeno social da moda é um dos fenômenos que influencia a estrutura social e os seus elementos. Segundo Calanca (2008) o esse fenômeno é caracterizado pela mudança dos costumes que são socialmente construídos e validados, e o mesmo existe quando essa mudança é constante. Para compreender o fenômeno social da moda é preciso analisá-lo junto ao contexto buscando perceber as relações entre o fenômeno e os outros elementos, para

compreender as diversas perspectivas de análise e para perceber como a mudança constante dos costumes atua na sociedade.

2.2A Manifestação da Moda na Indumentária

A indumentária é um dos aspectos sociais que sofre influência do fenômeno social da moda, sendo percebido nela os traços mais significativos desse fenômeno. Ao analisar a indumentária sob as várias perspectivas sociais que lhe cabem, é possível perceber também a influência que o contexto social exerce sobre a mesma, além de traços desse contexto.

Mota (2010) afirma que a produção de uma indumentária está diretamente relacionada aos costumes, aos valores e a estrutura social em que esta pertence. Sob influência das mudanças constantes causadas pelo fenômeno social da moda ocorrem as mudanças na indumentária. Portanto, a indumentária muda quando o contexto social muda. “Reconstruir as mudanças da natureza da moda e nos critérios que orientam as escolhas de vestuário é um modo de entender as diferenças entre o tipo de sociedade que está aos poucos desaparecendo e o que está lentamente emergindo” (CRANE, 2006, p.12).

As mudanças na indumentária, fruto do constante desejo pelo novo, são instigadas por mudanças sociais que causam impacto na estrutura social, absorvidas e materializadas nas roupas. Esse processo cria um produto que carrega na sua estética simbologias dos aspectos sociais vigentes. Esse processo de materialização das simbologias na indumentária é uma dos meios em que a sociedade comunica os seus valores através da estética. Roche (2007, p. 64) apresenta que “A moda torna-se um princípio de leitura social e moral” afirmando o papel de comunicação da mesma.

Como objeto, a indumentária possui em seus elementos, tecidos, cores, formas, as influências do contexto em que ela foi produzida. Percebe-se como a economia influencia na indumentária, nos hábitos de consumo, nos modelos, como a tecnologia influencia na fabricação de tecidos, no tingimento, no processo de fabricação, como os hábitos de uma sociedade influencia nos modelos das vestimentas, no comprimento das saias, nos sapatos. Para além das representações de valores através da estética, a construção de uma indumentária também expressa o desenvolvimento das tecnologias, a situação econômica, os modos de vida. Os materiais usados, os processos de fabricação e tingimento, a quantidade e o acesso a determinados materiais, são reflexo do desenvolvimento econômico e tecnologia da sociedade que a produziu.

Então, considerando a indumentária como objeto central para o estudo do contexto social, é percebido os diversos aspectos sociais que influenciam a indumentária e como esses aspectos são assimilados e materializados. Roche (2007, p.21) afirma que “A história da roupa nos diz muito acerca das civilizações; ela revela seus códigos”. Além disso, percebe-se também a importância simbólica que a indumentária carrega, além do seu papel de elemento comunicador, quando, através dos seus símbolos, comunica os aspectos sociais.

3 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MODA

3.1 A Teoria das Representações Sociais

A representação social é um fenômeno que modela os comportamentos, dando significado a eles, ao mesmo tempo em que os insere a estrutura social, dando sentido ao comportamento em si. “Uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 1978, p. 26).

Segundo Bonfim e Almeida (1992) para serem consideradas sociais, as representações precisam ser conhecimentos produzidos coletivamente, que formam comportamentos e são orientadores da comunicação social. Então, junto ao processo de construção de significados e elaboração de comportamentos, está a propagação e a interpretação dessa representação, como forma de comunicação entre os indivíduos.

Esse conhecimento, é caracterizado por Bonfim e Almeida (1992) como uma forma de conhecimento normal, por manifestar o pensamento presente na vida cotidiana da sociedade. O conhecimento considerado representação social é aquele elaborado socialmente, na vida cotidiana, baseado no senso comum, e tem a sua elaboração pautada no conteúdo simbólico e prático.

Jodelet (2001, p.22) afirma que “as representações sociais são abordadas concomitantemente como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social dessa realidade”. Segundo Crusoé (2004) em termos de produto, as representações sociais se configuram no conhecimento de senso comum, que permite que os indivíduos interpretem o mundo e orientem a sua comunicação com ele, ao conduzir suas ações e comportamentos. Ainda segundo a mesma autora, em termos de processos, se dá o entendimento de como se

constroem as representações sociais, como um acontecimento desconhecido é assimilado e incorporado aos conhecimentos já existentes. Então, as representações sociais se constituem tanto como o processo assimilação de novos acontecimentos, quanto como objetos que comunicam essa reinterpretação da realidade.

Esse processo de assimilação de novos acontecimentos se dá a partir da objetificação da interpretação desses acontecimentos junto ao contexto social, que resulta em comportamentos e condutas que orientam as ações dos indivíduos. Isso ocorre em um processo cíclico de interpretação de acontecimentos, materialização dessas interpretações e a construção e difusão de comportamentos, que são incorporados à vida cotidiana. Esses processos têm como objetivo a compreensão do contexto social, material e ideológico, ao se constituir como meio de comunicar a respeito de um novo conhecimento e transmiti-lo a sociedade.

Dessa forma, os novos conceitos simbólicos dessas representações são assimiladas e os novos comportamentos originários desses conceitos são incorporados à vida cotidiana, produzindo uma reinterpretação da realidade vivida. Segundo Estevanet *al.* (2013).

“Uma das finalidades das representações sociais é tornar familiar algo até então desconhecido, com a possibilidade de classificarmos e dar nome a novos acontecimentos e idéias, assimilando esses fenômenos a partir de uma gama de idéias, valores e teorias que já existem e são aceitas no meio social”.

A partir desse contexto de representações sociais como processos e produtos pelos quais uma sociedade interpreta e assimila o real (CRUSOÉ, 2004) dando significado a acontecimentos desconhecidos e objetificando essa interpretação em comportamentos e condutas, pode perceber a indumentária como um objeto de representações sociais. A indumentária é fruto de processos de materialização de interpretações de acontecimentos, que são incorporados ao vestuário como um dos meios para criar a realidade, com o objetivo de comunicar a respeito de novos conhecimentos para torná-los aceitos.

3.2 Indumentária como Reflexo da Sociedade

Para uma compreensão da indumentária como produto de representações sociais, e resultado de um processo de objetificação das representações, é preciso relacioná-la aos outros elementos sociais para perceber como os novos acontecimentos são interpretados e transformados em conhecimento prático. Ao estudar a indumentária como um conhecimento

que foi objetificado, a mesma adquire um significado social, bem como justifica as suas mudanças.

A história do vestuário se delinea de forma circular, a esfera social, econômica, política e do vestuário em si estão profundamente interligadas (CALANCA, 2008) e segundo Almeida e Bonfim (1992, p.80) “Conhecimento e realidade deverão ser compreendidos dentro de contextos sociais específicos e analisadas suas relações a partir destes contextos”.

Portanto, para compreender a indumentária também na sua esfera simbólica, é preciso analisar o contexto social em que essa indumentária foi criada, junto com o processo de assimilação desse contexto, para chegar nos símbolos que essa indumentária carrega e o que ela comunica a respeito da sociedade que a produziu.

A indumentária tem significados que ultrapassam a sua materialidade e elementos que indicam os processos sociais, econômicos, políticos, religiosos, tecnológicos da sociedade que a produziu. Ximenes (2011) afirma que a indumentária faz parte do processo social que ela está inserida, e que é possível conhecer a história de uma sociedade a partir da indumentária que ela utiliza.

A questão central do vestuário não é a peça material, mas como ela se relaciona com a sociedade em que ela foi produzida e o que ela reflete dessa sociedade. Segundo Crane (2006, p.22) “as roupas como artefatos, ‘criam’ comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes”. Sendo um produto de representações sociais, ao analisar os processos objetificação que originaram o vestuário de uma sociedade, é possível perceber os aspectos sociais que influenciaram naquele conhecimento, como a sociedade o interpretou e como ela associou esse novo conhecimento a comportamentos e condutas já existentes para torná-lo aceito na sociedade. Esse processo de objetificação de novos conhecimentos legitima-os na sociedade, tornando-os práticos e os difundido.

Braudel (2005) apresenta a moda como a busca de uma nova linguagem para derrubar a antiga. Essa linguagem, composta por elementos que possibilitam que ela exista, encontra a sua inspiração na sociedade. A mesma possibilita aos indivíduos a materialização dos símbolos para dar sentido aos elementos da realidade cotidiana. “Ela [a linguagem] fornece a imediata possibilidade da objetificação da experiência” (BONFIM; ALMEIDA, 1992, p. 79). Então, o processo de materialização dos novos conhecimentos só ocorre pela característica de elemento comunicador que as representações sociais possuem, já que existe a necessidade de transmitir o conhecimento através da linguagem.

“Uma variação no vestuário é acompanhada, fatalmente, duma variação do mundo” (BARTHES, 1979, p. 20). Essa variação no vestuário é resultado de um acontecimento desconhecido, que originou a criação de um novo conhecimento. Esse novo conhecimento é fruto de um processo de representação social, que é interpretado e materializado na indumentária como um meio de difundir esse novo conhecimento na sociedade.

Essa mudança social é absorvida e compreendida pelas sociedades, que materializam essa mudança na sua indumentária, como uma forma de legitimá-la, difundi-la e incorporá-la no contexto social, criando uma nova realidade. Então, quando uma sociedade passa por processos de mudanças sociais, os valores estéticos acompanham essas mudanças, encontrando formas visuais de se manifestar, criando uma nova estética que carrega em si os símbolos da nova realidade, para comunicar a respeito dela.

Rocha (2008) apresenta a moda como reflexa do comportamento da sociedade, onde se exhibe os valores através da estética e deixa transparecer os processos que aquela estrutura social sofre para gerar esses valores. Portanto, sendo a indumentária uma forma de expressar os valores de uma sociedade, essa estética é socialmente aceita e imitada por expressar a própria realidade simbólica.

4 O CONTEXTO SOCIAL DO SÉCULO XIX NA EUROPA

A indumentária de uma sociedade comunica a sua estrutura social e a compreensão do mesmo como produto e processo de representação social passa pela compreensão do contexto social. Analisar os elementos que compõem uma indumentária sob a perspectiva do momento histórico que a indumentária pertence, nos permite compreendê-la como elemento pertencente a uma estrutura social que se relaciona com os outros elementos sociais.

Será feita uma explanação do contexto social do século XIX a fim de possibilitar a análise do mesmo. Para embasar a análise do contexto social europeu no século XIX foi feita uma seleção de alguns fatos e eventos - em que se percebe claramente a influência na construção do objeto analisado - para servir de base para o estudo da representação social do vestido império.

O recorte histórico estudado é o início do século XIX, aproximadamente até 1820, período em que o vestido império foi adotado como indumentária feminina, além de eventos que marcaram o século XVIII e tiveram influência direta no século seguinte. O início do século XIX foi marcado pelo início da Modernidade, com a Revolução Francesa e Revolução

Industrial, e as mudanças culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que esses eventos provocaram. Além disso, uma multiplicidade de outros eventos aconteceu e teve impacto no contexto social europeu (D'ELBOUX, 2004).

O absolutismo do Antigo Regime foi substituído gradualmente por novas práticas, deixando de lado o feudalismo, pautado nos privilégios e poder da nobreza, em detrimento de um Estado Liberal, com igualdade entre a sociedade civil. O liberalismo começou a ser implantado na Europa no século XVII defendendo os ideais de liberdade individual e propriedade privada, justificando a sociedade burguesa (FAVARO;LIMA;WIHBY, 2008).

Desde século XVII a França ditava cenário cultural europeu. Com a Revolução Francesa e a queda da monarquia, os recursos econômicos ganharam maior importância na conjuntura européia. A Inglaterra se capitalizou ao longo do século XVIII, devido a forte atividade comercial da sua burguesia, acumulando riquezas, e, os conseqüente avanços tecnológicos e sociais,contribuíram para manter sua hegemonia econômica e grande influência sociocultural até o início do século XX (D'ELBOUX, 2004).

Existia uma rivalidade entre a Inglaterra e a França, que competiam por uma superioridade política. Mas, apesar dessa rivalidade, existia uma aproximação entre as duas culturas, onde uma influenciou a outra, desde o século XVIII, instigadas pela busca por uma hegemonia da cultura européia (D'ELBOUX, 2004). Essa influência mútua atingiu vários aspectos sociais, inclusive o estético.

No século XIX havia duas tendências vigentes na Europa: a busca pelo futuro - influenciada pelos avanços tecnológicos da Revolução Industrial - e o olhar para o passado - influenciado pelo surgimento das ciências sociais e estudos das sociedades da Antiguidade. Essas duas tendências moldaram o espírito do século XIX (D'ELBOUX, 2004).

O crescente interesse pelo exercício intelectual e a necessidade do progresso tecnológico nos meios rurais e urbanos fizeram com que a avanços nos instrumentos de trabalho, nos sistemas de transporte e de comunicação tivessem um grande impacto no sistema de produção, e no modo de vida da sociedade (DANEMBERG, s.d).

O processo de industrialização teve como causa e conseqüência o deslocamento em massa para as cidades, crescimento populacional, e, aliados aos avanços tecnológicos e econômicos,a urbanização das cidades. Houve então a transformação de uma economia agrária em uma mecanizada, baseada nas produções fabris nas cidades (DANEMBERG, s.d).

O industrialismo se firmou como modo de vida na Europa. O sistema fabril exigia uma quantidade maior de mão de obra. Com a Revolução Industrial, a burguesia se firmou como classe social dominante e surgiu uma nova classe social: o proletariado. Com os

avanços na agricultura - proveniente da introdução de melhores instrumentos e técnicas de trabalho e conseqüente aumento na produção - os trabalhadores rurais migraram para as cidades, que agora tinha uma demanda maior de mão de obra e passava por um processo de urbanização (DANEMBERG, s.d).

Esse processo de industrialização gerou um acúmulo de riquezas para a burguesia, enquanto o proletário foi excluído dos avanços civis alcançados com a implementação do liberalismo (MATTEI, 2012). Eles eram submetido ao sistema produtivo explorador e negligenciados pelo Estado, não conseguindo atender as suas necessidades básicas, como ratifica Felizola e Moreira (2009, p.1)

“[...]instaurada pela revolução democrático-burguesa que proclamara liberdade e igualdade, reduzia os cidadãos a meras máquinas de produção diárias que, fossem homens, mulheres ou crianças, trabalhavam doze ou mais horas por dia com total ausência de direitos humanos ou trabalhistas.”

O acúmulo de riquezas da burguesia, conseqüência do crescimento industrial, ocorreu em paralelo ao crescimento da classe operária, que vivia em condições precárias. Com isso, a sociedade do século XIX é permeada por conflitos sociais, conseqüentes da desigualdade entre as classes.

Esses conflitos sociais apontam uma sociedade estratificada, marcada pela diferença de classes. Segundo Crane (2013) o pertencimento a uma classe social era um dos aspectos mais latentes da identidade pessoal. Simmel (2008) apresenta que as classes baixas tentavam elevar o seu status adotando comportamentos típicos das classes superiores, que buscavam se diferenciar das classes inferiores adotando novos costumes. Esse ciclo reflete tanto a insatisfação das classes com a sua posição social quanto a possibilidade de ascensão social, como apresenta Roche (2007, p.71) “De fato, os conflitos revelam a instabilidade dos modelos e a dificuldade de incorporar mobilidade e contestação na história social e cultural”.

A burguesia se utilizava do consumo para ostentar uma vida luxuosa. Priorizava a vida privada e em família, valorizando os ideais puritanos - tendo a família como um pilar social, ao mesmo tempo em que ostentavam o seu status social através do luxo e dos bens materiais (AZEVEDO, 2010). Roche (2007) afirma que a sociedade do século XIX era tinha a demonstração do consumo ostentatório como uma prática, pautada pelos valores economia e pelo lucro.

Com a Revolução Industrial e a ascensão da burguesia, a nova ordem social era ditada pelos valores burgueses. Os artistas, que durante o Antigo Regime, disponibilizavam do ócio

para criar, precisavam agora se adequar a nova ordem, que exigia deles trabalho intenso e grande produção de mercadorias (FELIZOLA; MOREIRA, 2009). Com isso, um dos movimentos artísticos da época, o romantismo (1800-1850), valorizava o passado ao mesmo tempo em que idealizaram o futuro, como uma forma de escapismo, e o estilo de vida campestre, como uma resposta a realidade encontrada nas cidades (FELIZOLA; MOREIRA, 2009). O romantismo reflete a insatisfação das classes com a nova ordem social e econômica. Esse movimento teve influência dos ideais propagados pela Revolução Francesa, liberdade, igualdade e fraternidade, vendo nesse movimento político e social o início de uma era.

Outro movimento artístico que se propagava no início do século XIX era o neoclassicismo (1780-1820). Na França, o governo francês pós-Revolução Francesa, valorizava o ideal de República romana e julgava como modelo a democracia grega (BRAGA, 2009). Isso levou a uma valorização das influências clássicas greco-romanas. Esse movimento se opunha contra os exageros do Antigo Regime e do Barroco, buscava um retorno ao passado através das influências greco-romanas, buscando a simplicidade clássica, e indo de encontro aos valores da burguesia.

5 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO VESTIDO IMPÉRIO

O vestido Império é a indumentária europeia que surgiu no final do século XVIII e perdurou até o início do século XIX, aproximadamente até 1820. As principais características estéticas do vestido império é a cintura logo abaixo do busto, o decote acentuado, o uso de tecidos leves e a silhueta longilínea (Figura 1). As saias, em formato “A”, tinham seus comprimentos até o tornozelo, os decotes eram quadrados ou em “V”, ressaltando o colo, e as mangas eram curtas e levemente volumosas (BRAGA, 2004).



Figura 1 - Mesdemoiselles Mollien (1811), de Georges Rouget.

Fonte: Site do Musée Louvre (2018). Disponível em <http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=21841>. Acesso em: 17/11/2018.

Segundo Carmo e Orsi (2015, p.4) “As jovens usavam tons pastéis e as senhoras cores mais sérias como o preto, roxo, vermelho, amarelo e azul. A cor branca indicava certo *status* social.” Os tecidos eram leves e transparentes (Figura 2), o que fazia com que as mulheres precisassem usar outras peças por baixo, como malhas justas para evitar a exposição do corpo, como afirma Braga (2004).



Figura 2 - Madame Philippe PanonDesbassayns de Richemont and Her son (1802), de MarieGuillelmineBenoist.

Fonte: Site do MetropolitanMuseumofArt (2018).Disponível em <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/435650>>.Acesso em: 17/10/2018.

Laver (1989) descreve o vestido império de uma forma geral como um *robe eb chemise*, que se assemelhava a uma peça de baixo, por ser um vestido branco, com a demarcação da cintura abaixo do busto, feitos de musseline, cambraia ou morim, com o comprimento nos pés.

As silhuetas eram longilíneas e fluídas, e havia pouca diferença na forma entre os trajes do dia e os trajes da noite (Figura 3), exceto pela qualidade dos tecidos e pelos enfeites - como bordados, aplicações e volumes - que só apareciam nos vestidos noturnos (CARMO; ORSI, 2015).



Figura 3 - Prelude to a Concert (1810), de Marguerite Gérard.

Fonte: Site do National Museum of Woman in the Art (2018). Disponível em <<https://nmwa.org/works/prelude-concert>>. Acesso em: 28/10/2018

A estética do vestido império é produto de representações sociais, uma vez que é entendida como uma conduta social. A adoção e propagação da estética do vestido império é fruto o processo de criação de condutas, em que os novos acontecimentos foram assimilados e interpretados socialmente, se materializando em novas condutas, a fim de reconstruir a realidade vivida. Essa materialização tem o propósito de difundir e incorporar na vida cotidiana esses novos acontecimentos, através do uso de uma vestimenta que carregue as interpretações e os significados sociais desses novos acontecimentos.

No processo de representação social, a aparência de simplicidade campestre e leveza (Figura 4) do vestido império é reflexo da interpretação de alguns fatos, que foram deram origem as seguintes ideologias: insatisfação com a vida nas cidades, rejeição a opulência e valorização do passado. Essas ideologias foram materializadas e são comunicadas através da estética do vestido império.



Figura 4 - Portrait of a Woman (século XIX), de Jacques-Louis David.

Fonte: Site da National Gallery of London (2018). Disponível em <<https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/italian-portrait-of-a-woman>>. Acesso em: 28/10/2018.

Com a Revolução Francesa, a opulência no vestuário era mal vistas por remeter aos hábitos da antiga nobreza, que eram negados pelos ideais da Revolução. Laver (1989) explica que as extravagâncias, características do Antigo Regime francês, foram erradicadas e substituídas pela simplicidade, inspirada pelas roupas campestres, rompendo com as indumentárias típicas da corte francesa. Com isso, as roupas passaram a ser mais simples, confortáveis e práticas. Essa praticidade que essa indumentária adquiriu, refletia também os ideais da burguesia - nova classe dominante - de liberdade individual.

A estética do vestido império foi muito influenciada pela antiguidade greco-romana (Figura 5). Essa valorização pela simplicidade clássica está ligada ao ideal do governo francês pós-Revolução que considerava a democracia grega como modelo (Laver, 2004). O movimento artístico neoclássico, que buscava um retorno ao através do uso de referências clássicas, também teve influência na estética do vestido. Essa idealização do passado surgiu com a insatisfação da classe artística com o novo modelo econômico, que exigia deles o trabalho, ao contrário do Antigo Regime, em que o artista dispunha de ócio para criar (FELIZOLA; MOREIRA, 2009).



Figura 5 - Madame Récamier (1800), de Jacques-Louis David.

Fonte: Site do Musée Louvre (2018). Disponível em <<https://www.louvre.fr/en/selections/art-portrait>>. Acesso em: 28/10/2018.

Além da simplicidade, a valorização do estilo campestre também estava presente na estética da indumentária. O Romantismo - movimento artístico que coexistiu com o neoclassicismo - foi influenciado pela insatisfação da população com a vida na cidade, enaltecendo a vida no campo, como uma forma de fuga da realidade.

Outro fator que influenciou a valorização do estilo campestre foi o estilo de vida inglês, que era admirado na época pelos avanços da Revolução Industrial (Lavor, 2004).

Mesmo antes da Revolução Francesa, estilo inglês era admirado por ser sinônimo de liberdade e progresso. Lavor (2004) explica que a classe alta inglesa não apreciava a corte como a francesa, preferindo passar o tempo nas propriedades campestres, o que exigia maior conforto e formas mais simples de vestir pelas atividades exercidas nesse meio. Como reflexo, a valorização do estilo de campestre - inspirado no estilo de vida da corte inglesa -, se fez presente.

A insatisfação com a vida nas cidades foi assimilada e desencadeou o desejo pela vida no campo, com um saudosismo ao passado. O vestido império também possui referências da indumentária da Antiguidade Clássica, devido a adesão do modelo de democracia greco-romana pelo governo francês (BRAGA, 2004). Isso, junto à valorização do passado, foi compreendido e teve como resposta a admiração pela estética greco-romana, valor que foi incorporado no estilo da indumentária, que, segundo Braga (2004, p. 57) “não foi exatamente uma cópia de como especialmente as gregas se vestiam, mas uma lembrança considerável dessas roupas”.

Roche (2007) apresenta que a moda do século XIX vai de encontro ao retorno ao natural e as virtudes romanas, que impôs discrição ao vestuário. A moda do vestido império anunciou uma nova época, uma nova sociedade europeia. Ela negava os valores do Antigo Regime junto com as opulências na indumentária, e se inspirou nos modelos da antiguidade greco-romana para representar, tanto a insatisfação com a vida nas cidades, quanto os próprios ideais burgueses de liberdade e igualdade.

6 CONCLUSÃO

Entender os diferentes aspectos do contexto social permite uma compreensão mais completa dos fatos que influenciaram na construção da indumentária. Analisar a indumentária sob a perspectiva do contexto social em que ela foi produzida nos permite compreendê-la como produto do processo de materialização das representações social. Também é entendido como a indumentária é parte do processo de comunicar novos conhecimentos, além de perceber e quais novos acontecimentos influenciaram na criação desses novos conhecimentos.

Analisar o contexto social europeu do século XIX sob as perspectivas econômicas, sociais e políticas permitiu perceber a influência da Revolução Industrial e da Revolução Francesa de forma mais clara e pontual, para além do fato como um todo. Foi entendido que esses dois eventos sociais resultaram na rejeição da opulência, valorização do passado,

disseminação dos ideais burgueses de liberdade e igualdade e insatisfação com o modo de vida nas cidades, e como esses valores foram assimilados, e se concretizaram na valorização das sociedades clássicas. E, por fim, que essa valorização do clássico influenciou diretamente na construção estética do vestido império.

Concluiu-se que o estudo da indumentária, como produto que pertence a um processo de representações sociais, junto às diversas perspectivas sociais, permite compreendê-la como um elemento da estrutura social e perceber como a sua estética reflete os novos acontecimentos e valores da sociedade que a construiu. Além disso, permite compreender como esses novos acontecimentos e valores foram assimilados socialmente, transformados em novos conhecimentos e incorporados na estética da indumentária para disseminar esses novos conhecimentos.

O presente trabalho permite dar continuidade ao estudo das Representações Sociais da indumentária possibilitando o aprofundamento do assunto na análise de outras indumentárias, na influência da construção material das indumentárias nas representações sociais das indumentárias, na análise das representações sociais dos gêneros a partir da indumentária, entre outras possíveis pesquisas acerca desse tema, que poderão contribuir para aprofundar os estudos sobre a construção do significado social da indumentária.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. **Representação Social:** uma genealogia do conceito. Revista Comum, Rio de Janeiro, RJ. v. 10, n. 23, p. 122-138, julh/dez. 2004. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>>. Acesso em: 07/11/2018.

ARAÚJO, Denise Castilho de; LEORATTO, Daniele. **Alterações da silhueta feminina:** a influência da moda. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis 2013.

BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARTHES, Roland. **Imagem e moda.** Inéditos vol.3. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

_____. **O sistema da moda.** São Paulo: EDUSP, 1979.

BONFIM, Z. A. C; ALMEIDA, S. F. C. **Representação social. Conceituação, dimensão e funções.** Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 9 (1/2), v. 10 (1/2), p. 75-89, 1991/92. Disponível em <www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10977/1/1992_art_zacbonfim.pdf>. Acesso em: 25/07/2018.

BRAGA, João. **História da Moda:** uma narrativa. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo- Séculos XV-XVIII:** As Estruturas do Cotidiano. Volume 1. SP: Editora Martins Fontes, 2005.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda.** São Paulo: Senac, 2008.

CARACIOLA, Carolina Boari. **A influência da moda na sociedade contemporânea.** In: Moda Documenta: Museu, Memória e Design. Anais do Congresso Internacional de Memória, Design e Moda, São Paulo, 2015. São Paulo: MIMo/Estação das Letras e Cores Editora, Ano 2. n 01. v. 01. p. [172-187]. Disponível em: <http://www.modadocumenta.com.br/wp-content/uploads/2016/01/ANAIS-MD2015_portugues.pdf>. Acesso em: 01/08/2018.

CRANE, Diana. **A Moda e o seu papel social:** Classe, gênero e identidade das roupas. 2 .ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CRUSOÉ, N. M. C. **A teoria das representações sociais em Moscovici e a sua importância para a pesquisa em educação.** APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 105-114, 2004. Disponível em <periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3792/pdf_121>. Acesso em: 14/11/2018.

DANEMBERG, Juliana Moraes. **Primeira Revolução Industrial:** aspectos sociais, econômicos e políticos. Universidade Federal Fluminense, Niterói, [s.d]. Disponível em <www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Juliana_primeira_revolindusrevis.doc>. Acesso em: 24/10/2018

DEBOM, Paulo. **O vestuário e a moda enquanto fontes para o estudo da história.** In: XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio, Rio de Janeiro, 2014. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014. Disponível em < http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400363061_ARQUIVO_OVestuarioeaModaenquantoFontesparaoEstudodaHistoria.pdf>. Acesso em: 03/08/2018.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Manifestação neoclássica no Vale do Paraíba:** Lorena e as palmeiras imperiais. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13072005-231248/.../01introd.pdf>. Acesso em: 25/10/2018.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FELIZOLA, Carolina; MOREIRA, Juliana. **O Romantismo Inglês e o Romantismo Brasileiro na Literatura.** Projeto Bridges, 2009. Disponível em: <www.lettras.ufrj.br/veralima/romantisimo/.../romantismo_ingles_brasileiro_g3i_a.pdf>. Acesso em: 13/10/2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 10/11/2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GODART, Frederic. **Sociologia da Moda.** São Paulo: Senac. 2010.

HOBBSAWM, Erich. A Era do Capital. 12ª. ed. Tradução: Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. Resenha de: AZEVEDO, Bruno. **A Moral Burguesa (Século XIX).** In: Recanto das Letras, São Paulo, 2010. Disponível em <<https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/2701150>>. Acesso em: 24/10/2018.

JODELET, Denise. **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LAVER, James. **A roupa e a moda:** uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, Michele Fernandes; WIHBY, Alessandra; FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão. **Liberalismo Clássico:** Origens históricas e fundamentos básicos. São Carlos: VIII Jornada do Histedbr, 2008. Disponível em <[www.histedbr.fe.unicamp.br/acer.../Michelle%20Fernandes%20Lima%20\(R\).doc](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer.../Michelle%20Fernandes%20Lima%20(R).doc)>. Acesso em: 12/11/2018.

MATTEI, Rejane Esther Vieira. **O Estado e a Modernidade No Século XXI:** Uma Análise Do Modelo de Estado e das Políticas. Caderno de Direito, v. 12, n. 22, 2012. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/cd/search/search?simpleQuery=Mattei&searchField=query>>. Acesso em: 24/10/2018.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva.** In: MAUSS, M. Sociologia e antropologia. Rio de Janeiro: Cosac &Naify, 2003.

MORAIS, P. R. *et al.* **A teoria das representações sociais**. Direito em Foco-UNISEPE, v. 6, n. 1, 2014. Disponível em <http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2014/teoria_representacoes.pdf>. Acesso em: 25/07/2018.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOTA, Maria Dolores de Brito, et. al. **Linhas da Moda: Pesquisa, Ensino, Empresa e Sociedade**. Recife, Pernambuco: EDUPE, 2010.

ORSI, Vivian; CARMO, Leonardo. **Reflexões sobre o léxico e a moda do século XIX**. In: Moda Documenta: Museu, Memória e Design. Anais do Congresso Internacional de Memória, Design e Moda, São Paulo, 2015. São Paulo: MIMo/Estação das Letras e Cores Editora, Ano 2. n 01. v. 01. p. [556-573]. Disponível em: <http://www.modadocumenta.com.br/wp-content/uploads/2016/01/ANAIS-MD2015_portugues.pdf>. Acesso em: 26/07/2018.

ROCHA, Felipe Soares. **Moda: um reflexo das relações sociais contemporâneas**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007. Disponível em <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/777/1/Felipe%20Soares%20Rocha.pdf>>. Acesso em: 04/08/2018.

ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências: Uma História da Indumentária (séculos XVII-XVIII)**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SANTAELLA, Lúcio. **Corpo e Comunicação - Sintoma da Cultura**. Editora Paulus, 2004.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de Moda: sociedade, imagem e consumo**. Barueri, SP: Estação das Letras Editora, 2007.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2010.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011, Rio de Janeiro: Editora Senac Rio.